

TÓPICO II: Perspectivas Teóricas

Semana 9 (26 e 28/09)

3. "Oralidade" e "Escrituralidade"

LEITURA PARA ESTA SEMANA

- 📖 Hilgert, G. (2007) Língua falada e enunciação. In Calidoscópio, Vol. 5, n.2, Unisinos. <http://moodle.stoa.usp.br/file.php/752/bibliografia/Hilgert_2007.pdf>
- 📖 Koch, I.G.V. (2006) Especificidade do texto falado. In Jubran, C. C. A. S, Koch, I. G. V. (orgs.). "Gramática do Português Culto Falado no Brasil". Campinas: Editora da UNICAMP (39-46)

Resumo

Nesta semana, discutiremos os conceitos de "Oralidade" e "Escrituralidade", a partir da proposta de G. Hilgert, em "Língua falada e enunciação". Vamos começar retomando um ponto central da abordagem do texto falado proposta pela **perspectiva textual-interativa**, que discutimos na semana passada, em particular a partir de Jubran (2006) e Koch (2006) (cf. bibliografia do curso). Vamos lembrar a seguinte formulação:

"A adoção de um enfoque textual-interativo apóia-se na concepção de linguagem como uma forma de ação, uma atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias de enunciação. Ressalta-se, assim, a visão de linguagem como manifestação de uma competência comunicativa, definível como capacidade de manter a interação social, mediante a produção e entendimento de textos que funcionam comunicativamente" (Jubran, 2006:18, meus grifos):

Com base nisso, poderemos compreender a importância do conceito de **enunciação** neste quadro - em especial se remetemos à seguinte definição:

"Entendemos por *enunciação* o ato de um sujeito-destinador interagir, em situação de comunicação, com um sujeito-destinatário, implicando essa interação uma manipulação em que ao destinador cabe, em sentido amplo, um fazer persuasivo e ao destinatário um fazer interpretativo. O produto do ato da enunciação, falado ou escrito, é o *enunciado*" (Hilgert 2007:70).

Destaque-se, ainda, que neste quadro, "*Não é a enunciação em si que é objeto de análise, e sim a projeção da enunciação nos enunciados*" (Hilgert 2007:69). Decorrem daí dois pontos importantes; na perspectiva textual-interativa, (i) o foco central dos estudos são as marcas da enunciação; (ii) diferentes situações de enunciação determinarão diferentes marcas - e a partir disso, desenvolve-se a questão dos gêneros textuais. De fato, para Hilgert, "*os gêneros textuais se definem a partir das marcas da enunciação reveladas nos textos*" (Hilgert 2007:69).

Podemos compreender, então, a importância de se estudarem as diferentes situações de enunciação e os diferentes produtos delas decorrentes. Uma das distinções mais importantes neste aspecto é a que se estabelece entre a fala e a escrita. Já vimos, entretanto, que essa distinção não se coloca de forma estanque, e sim se estabelece como um continuum. Entretanto, é evidente a primazia da "língua falada" neste quadro, por conta das suas especificidades quanto à dialogicidade em presença e à proximidade entre elaboração e produção (o texto falado é "seu próprio rasonho", como também já vimos, em Koch (2006).

Assim sendo, como lidar com a especificidade da língua falada (de um lado) e a constatação de que a divisão escrita-fala não é estanque? Entram, aqui, os importantes conceitos de "oralidade" e "escrituralidade", que permitem uma abordagem mais delicada do problema. Como destaca Hilgert,

"Oralidade e escrituralidade são modos de ser dos textos que **independem do fato de estes serem falados ou escritos, no sentido medial de fônicos ou gráficos**. Ambas, a oralidade e a escrituralidade, podem, então, caracterizar tanto textos medialmente falados quanto medialmente escritos". (Hilgert 2007:70, meus grifos).

Dentre vários aspectos importantes dessa formulação, destacaremos o fato de que os conceitos de "oralidade" e "escrituralidade" permitem que a questão das diferenças "entre a fala e a escrita" sejam deslocadas dos produtos para os processos da enunciação.

Ou seja: sendo o objeto dos estudos a projeção da enunciação nos enunciados (através da análise de suas marcas linguísticas), interessa compreender a complexidade das diferentes condições da enunciação (por exemplo: maior e menor proximidade entre os interlocutores) em primeiro lugar - mais que estabelecer uma tipologia de produtos dessas condições (separados por "canal", por exemplo, como seria o caso da divisão "texto escrito *versus* texto falado". Lembremos Koch:

"Todo texto é resultado de uma co-produção entre interlocutores: o que distingue o texto escrito do falado é a forma como tal co-produção se realiza. No texto escrito, a co-produção se resume à consideração do Outro para o qual se escreve, não havendo participação direta e ativa deste na elaboração linguística do texto, em função do distanciamento entre escritor e leitor. Consequentemente, inexitem marcas explícitas de atividade verbal conjunta. A dialogicidade aqui se estabelece por meio de uma relação 'ideal', em que o escritor desempenha o papel que lhe cabe, enquanto produtor do texto, assumindo, também, a perspectiva do leitor. No texto falado, por estrem os interlocutores co-presentes, ocorre uma **interlocução ativa que implica um processo de co-autoria, refletido, na materialidade linguística, por marcas da produção verbal conjunta**". (Koch 2006:40, meus grifos)

Ora, se o que distingue o texto escrito do falado é a forma como a co-produção se realiza, naturalmente as nuances das diferentes formas de co-produção implicam em uma abordagem mais delicada da diferença escrita-fala. Desloca-se a distinção do canal (ou meio) para as condições da enunciação, possibilitando-se assim que as inscrições da enunciação possam ser estudadas em textos escritos ou falados - mais importante que isso será distinguir textos com maior ou menor condições de revelar a Oralidade.

Assim, como destaca Hilgert,

"Segundo os autores aqui em foco, quem determina o grau de oralidade e de escrituralidade nos textos são as situações de comunicação. Em termos gerais, situações marcadas pela proximidade determinariam a oralidade; situações caracterizadas pela distância promoveriam a escrituralidade.

À proximidade e à distância está vinculada uma série de fatores que configuram os interlocutores e suas relações interativas, tais como o **grau de privacidade**, de **cumplicidade**, de **envolvimento emocional**, de **espontaneidade**, de **cooperação**, de **dialogicidade**.

Essas condições vão ser responsáveis pelo uso ora de uma linguagem mais verbal, ora de uma linguagem mais fortemente impregnada de recursos não verbais. Outras condições vão valorizar mais ou menos os aspectos entonacionais nas formulações linguísticas.

Enfim, situações de proximidade e distância vão determinar diferentes formas e estruturas que identificam os mais variados gêneros de textos, entre as quais pode-se destacar, por exemplo, índices de **maior ou menor planejamento textual**, **referências metadiscursivas**, **seleção lexical**, **sintaxe paratática** ou **hipotática**".

(Hilgert 2007:74, meus grifos e minha paragrafação).

Para concluir, vamos ao seguinte exercício de análise proposto pelo autor (Hilgert 2007:74):

Heloísa:

Vou passando bem. O capitão Mata é um excelente companheiro, e com ele ninguém pode estar triste. Não pretendo voltar a Alagoas. Peça os conselhos de Américo para que as coisas não fiquem muito ruins. Vou ver se consigo trabalhar para o José Olympio ou outro editor. Abraços. Graciliano.

Recebi os troços que você mandou.